

Douro

Linha entre Barca de Alva e Pocinho será recuperada

► Ministérios da Cultura e dos Transportes iniciaram conversações para reutilizar a velha ligação de 28 quilómetros para fins turísticos ► Está encerrada desde 1988 e é há muito reclamada

 Eduardo Pinto

A construção do Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa poderá ser o impulso que faltava para que os comboios voltem a circular no troço da linha férrea do Douro, entre o Pocinho e Barca de Alva. A ministra da Cultura, Isabel Pires de Lima, defendeu, ontem, em Vila Nova de Foz Côa, a "activação da linha exclusivamente para fins turísticos". A frase quase foi interrompida pela forte ovação que, acto contínuo, saiu da plateia do centro cultural foz-coense que ontem ouvia a ministra falar sobre as potencialidades do museu (ler mais noticiário em Cultura).

A reabertura à circulação daquele troço de 28 quilómetros, encerrado desde 1988, é defendida há algum tempo, sobretudo por autarcas e outros agentes locais. Opinam que, uma vez que do lado espanhol existe vontade de reactivar a linha entre La Fuente de San Esteban, próximo de Salamanca, e a estação de Barca de Alva, o Governo português deveria promover o mesmo do lado de cá da fronteira. Entendem que se abriria uma porta de entrada ao apetecido turismo castelhano para os vales do Douro e Côa, ambos detentores do estatuto de Património da Humanidade.

Empresários interessados

Não admira, portanto, que autarcas como os de Vila Nova de Foz Côa e de Figueira de Castelo Rodrigo tivessem ficado duplamente satisfeitos, ontem. O Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa começou finalmente a ser construído e, muito por causa dele, a ambição de ver os comboios chegar à fronteira com Espanha vê uma luz ao fundo do túnel. "Não me parece que haja condições para uma reactivação da linha pela CP nos moldes tradicionais, mas faz todo o sentido que seja reactivada para fins turísticos", vincou Isabel Pires de Lima.

Segundo a ministra, "estão em curso e bem encaminhadas" con-



Linha do Douro permanece abandonada, para tristeza dos autarcas e agentes da região

Tua, Corgo e Tâmega ainda estão à espera de decisão

► Os motivos que justificam a reabertura da ferrovia do Douro entre Pocinho e Barca de Alva poderão não ser suficientes para manter o funcionamento do que resta das linhas estreitas do Tua, Corgo e Tâmega. A alçada falta de rentabilidade financeira destas vias, cada vez menos utilizadas pelas populações locais, poderá ditar o seu encerramento – já assumido pelo Governo – apesar das inúmeras vozes que se têm levantado em sentido contrário reivindicando o seu interesse turístico. A que mais polémica tem suscitado é a linha do Tua, que liga a localidade de Foz Tua, em Carrazada de Ansiães, à cidade de Mirandela. É que se a anunciada construção de uma barragem hidro-

eléctrica no troço final daquele rio vier a ser uma realidade, é mais do que certo que a linha vai ficar submersa. O autarca de Mirandela, José Silvano, é o que mais tem protestado contra este desfecho, embora o presidente da Câmara de Murça, João Teixeira, também se tenha contestado por diversas vezes a destruição daquele património. Entretanto, o investimento de quase dois milhões de euros anunciados pela REFER para a linha do Tua fizeram acreditar o edil de Mirandela de que tal poderá constituir um obstáculo às intenções da EDP em avançar com o empreendimento hidroeléctrico. Também o Partido Ecologista "Os Verdes" desenvolveu já uma acção de protesto. ◀

versações entre os ministérios da Cultura e das Obras Públicas. Este diálogo terá, também, que envolver os municípios da região. Da parte da Câmara de Vila Nova de Foz Côa há toda a disponibilidade, pois o edil Emílio Mesquita há muito que defende a reabertura do troço em questão. "Não faz sentido que uma via que está feita, embora degradada, não seja aproveitada para potenciar o turismo". Diz mesmo que "há empresários interessados em explorar a via".

O autarca de Figueira de Castelo Rodrigo, António Edmundo, já havia afirmado ao JN que preferia a reactivação da linha férrea até Barca de Alva como complemento à via fluvial, do que ter uma via rápida a ligar a vila ao rio Douro. Ontem, voltou a sustentar que "sem o acesso ferroviário e fluvial, o Museu do Côa pode tornar-se um elefante branco". De resto, a ministra anunciou que está também a ser pensada a construção de um novo cais junto à confluência dos rios Douro e Côa. ◀